

# Orçamento Participativo em marcha para 2018



foto: js/arquivo

**A Banda de “Os Aliados” foi uma das beneficiadas pelas verbas do Orçamento Participativo da União de Freguesias de Sintra**

**O número de orçamentos das autarquias para propostas desenvolvidas pelos cidadãos passou de 30 em 2014 para mais de 100 este ano, um dos melhores valores da Europa, afirma um investigador à Lusa, em Abril de 2017.**

Para se ter uma noção da evolução em números, em 2014, num balanço feito à agência Lusa, eram pouco mais de 30 os novos Orçamentos Participativos desenvolvidos pelas autarquias que destinam uma parcela do seu dinheiro à concretização das propostas que os cidadãos considerarem mais importantes para melhorar o local onde vivem.

“Em 2017 o quadro de Portugal é um dos mais interessantes da Europa, por uma razão: apesar de ter 118 experiências, das quais 30 são experiências centradas nos jovens, são experiências que vão crescendo de qualidade, em diálogo umas com as outras”, disse à Lusa Giovanni Allegretti, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e um impulsionador dos Orçamentos Participativos (OP) em Portugal, em conjunto com a Associação in Loco.

Portugal tem neste momento uma Rede das Autarquias

Participativas (RAP), nascida dentro do projecto Portugal Participa e formada por mais de 60 autarquias, a maior parte das quais municípios, mas que abriu também às freguesias. As aderentes fazem intercâmbio de procedimentos participativos, o que “está a ajudar muitos processos a melhorar”.

Para os OP foram dados, no ano de 2016, quase 20 milhões de euros e, nos últimos 10 anos, um total de 91 milhões.

“Estou a falar só dos OP que se podem calcular, que são codecisórios. Hoje em dia, 95% dos OP municipais portugueses são codecisórios. Em 2013, 85% eram consultivos, ou seja, as pessoas diziam o que queriam e depois os autarcas escolhiam. Hoje as pessoas votam com métodos de voto muito diferentes, voto negativo, voto com peso diferente, cada cidade tem a sua fórmula para romper os ‘lobbies’”, salientou Allegretti.

No entanto, para Allegretti, a média expressiva de OP não é o que de mais importante se retira destes processos, porque estes orçamentos “já não são vistos como o processo participativo mais importante” - a partir destas experiên-

cias, estão a emergir novas formas de participação que não existiam em Portugal.

Desde logo, estes processos, que antes eram estanques, na dependência de um ou outro vereador, hoje funcionam cada vez mais numa plataforma única, em que os cidadãos podem passar de um projecto ao outro sem terem de se registar novamente, “criando um ecossistema participativo”.

Projectos como a Empatia, que Allegretti criou recentemente, permitem precisamente a criação de plataformas tecnológicas que possibilitam aos cidadãos terem uma visão de conjunto do que está a ser proposto para a sua cidade para melhor tomarem decisões.

Em Sintra, a União de Freguesias de Sintra foi a primeira a dar a compreender a importância da iniciativa, tendo sido seguida pela União de Freguesias de Massamá/Monte Abraão.

Este ano aderiu pela primeira vez a União de Freguesia de Cacém/São Marcos. As candidaturas já estão abertas.

*Fonte: Bruno Simões/  
Negócios*